

2. *Os sítios arqueológicos do município de Itapiranga às margens do rio Uruguai, fronteira com Argentina.*

Este sítio representa já uma realidade totalmente diversa daquela apresentada no primeiro relato.

O autor considera o rio Uruguai uma importante rota pré-histórica, o que equivaleria ter em suas margens riquezas arqueológicas que podem ser comparadas às da zona litorânea.

As pesquisas se restringiram apenas à margem direita e daí concluiu o autor que os vestígios de ocupação sempre aparecem nas desembocaduras dos cursos d'água no rio Uruguai, situação semelhante ao que ocorre no litoral (rio e mar).

Os implementos evidenciados em tais sítios, na sua maioria, compreendem restos tipicamente guarani, caracterizados pela cerâmica corrugada, lisa, pintada, etc. Foram também retiradas muitas urnas funerárias típicas com ou sem esqueletos. Estes sítios foram revelados pela presença de manchas de terra negra que chegam a uma profundidade de 30 cm.

Além da cultura guarani, na mesma região, foi evidenciada uma cultura diferente a 4 e 5 m. de profundidade: cultura alto-paranaense de material lítico, geralmente nas barrancas dos rios. Esta cultura apresenta semelhanças com a de Misiones, descrita por Osvaldo Meneghin, que se caracteriza por machados "bumerangóides", facas laminares cortantes, todos lascados em diabásio vermelho.

Os restos de carvão de ambas as culturas foram datados e publicados no Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata, no qual o autor fez sua comunicação com datação já concluída:

1 — cultura guarani — 700. à 1180 anos.

2 — cultura alto-paranaense — 7260 anos (4,5 m.).

A publicação veio acompanhada ainda de ilustrações referentes à segunda parte do trabalho e nada em relação à primeira parte.

Esperamos na próxima publicação, que o autor se propõe a realizar, que a análise de todo o material coletado possa ser terminada e que assim traga conclusões e não se torne apenas uma simples descrição de escavações, como foi o caso destes artigos. — CRISTINA ARGENTON COLONELLI.



CASCUDO, LUIS DA CAMARA — *Mouros, Franceses e Judeus. (Três presenças no Brasil).* Editora Letras e Artes, Rio de Janeiro, Guanabara, 1967, 154 pp.

Por volta de 1942, sentado numa das portas do Mercado Público da cidade de Currais Novos, no Rio Grande do Norte, um cego violeiro cantava a seguinte sextilha:

*"Deus lhe pague a sua esmola
Que me deu de coração
Lhe dê cavalo e sela
Inverno neste sertão
E lhe dê uma coragem
Como ele deu a Roldão."*

Este personagem, ROLDÃO, cuja coragem serve de paradigma para este cego analfabeto, não é senão um dos doze pares de Carlos Magno, Roland, o fami-

rado guerreiro cantado na "Chanson de Roland", prefeito das Marcas da Bretagne, morto herôicamente em Roncesvalles por volta do ano 778.

Como teria chegado até o interior do sertão brasileiro a lendária figura de Roland, distante no espaço por mais de 11 séculos?

Este é um dos temas que Luis da Câmara Cascudo, Diretor do Instituto de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, desenvolve nos 5 ensaios que compõem o presente livro. Alguns destes ensaios foram anteriormente publicados em revistas de Recife, Teresina, Natal, assim como no exterior, na *Revista Ocidente*, de Lisboa, e *Revista Douro Litoral*, do Porto.

Arguto pesquisador de bibliotecas e arquivos, atento observador do folclore sertanejo, incansável escutador das estórias dos mais antigos, Cascudo surpreende o leitor com a quantidade de aproximações que descobre entre a cultura popular brasileira e certos temas da literatura clássica de além-mar, assim como a presença de certos elementos de estoques culturais distintos dentro de nossa cultura rústica. Por ordem de exposição, tais são os temas desenvolvidos pelo Autor ao longo do livro:

- 1) Presença Moura no Brasil.
- 2) Roland no Brasil.
- 3) Temas do "Mireio".
- 4) Motivos do "Heptaméron".
- 5) Motivos Israelitas.

Nos ensaios sobre a presença moura no Brasil, e motivos israelitas, o Autor começa por descrever o histórico da transferência de tais elementos para o Brasil-Colônia, passando em seguida a vasculhar nosso léxico, nossas tradições, os usos e costumes caboclos, esclarecendo-nos sobre algumas manifestações sócio-culturais que evidenciam a influência daqueles povos na cultura popular brasileira. Somente um perito conhecedor do mundo islâmico poderia descobrir tantos traços mouros na nossa cultura tradicional: a maneira como as mulheres nordestinas usam o pano na cabeça, à imitação dos turbantes árabes; o costume de se comer no chão limpo, com as pernas cruzadas; a posição das mulheres quando montam animal; o uso de certos instrumentos musicais, como o pandeiro; certas danças, como o sarambeque; o uso de alpargatas (do árabe "al pargat"); certas formas mágicas e de encantamento, etc. Os exemplos e aproximações embora razoavelmente documentados, não são em todos os casos plenamente convincentes, o que requer, por parte do leitor, certa atenção e cuidado. Sabemos, por exemplo, que vários traços da cultura de "folk" brasileira resultam da combinação harmoniosa de elementos provenientes de diferentes estoques culturais, e não exclusivamente de uma única cultura. É o caso de certas formas de trabalho coletivo, como o mutirão, que vigora ainda hoje em nossas comunidades campesinas, o qual tem sua origem tanto na cultura indígena como na africana, de modo que seria temerário atribuímos a apenas um dos grupos a sua origem. A meu ver, o Autor, ao pesquisar sobre a presença de elementos mouros na cultura popular nacional, esqueceu de salientar que por vezes um determinado padrão cultural reconhecido como mouro ou israelita, poderia ser igualmente apontado como originário de outra área cultural, ou mais ainda, como um padrão universal de adaptação ecológica, etc. Não obstante, este ensaio apresenta algumas análises e comparações deveras interessantes.

Quanto à influência de certos temas literários europeus entre nossas populações rurais, o Autor selecionou três importantes escritos da literatura clássica francesa, a saber:

- "La Chanson de Roland".
- "Heptaméron".
- "Mireille".

Sobre Roland, o heróico sobrinho de Carlos Magno, já nos referimos na introdução. Quanto ao "Heptaméron", escrito por Marguerite d'Angoulême, Rainha de Navarra (1559), trata-se de 72 contos bem à imitação do "Decameon" de Boccaccio; "Mireille", o célebre poema de Frederic Mistral, tem a data de 1859, sendo composto por 12 cantos, escrito em provençal. Luís da Câmara Cascudo descobre vários traços ou presenças destes livros ao longo da nossa cultura cabloca. Uma série de "folk-motifs", contos, anedotas, casos, histórias que correm pelo nosso interior, quer através da divulgação da literatura de cordel, ou simplesmente através da transmissão oral, têm sua inspiração nestas obras clássicas da literatura francesa. Além da aproximação do texto de tais obras com suas "presenças" no Brasil, o Autor reconstrói, desde que possível, as vias contato de tais livros com o ambiente rural brasileiro.

Como se vê, o trabalho de L. A. Cascudo apresenta uma original contribuição para o estudo de alguns segmentos de nossa cultura popular: fruto de anos de pesquisa bibliográfica, investigações minuciosas dos relatos e histórias dos antigos, estes 5 ensaios constituem um documento interessante para futuros estudos globalizadores da "folk-culture" brasileira. — LUIZ MOTT.



VERGER, PIERRE — *O Fumo da Bahia e o tráfico dos escravos do Golfo de Benim*. Publicação do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, Salvador, n.º 6, 1966; 39 pp.

O Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade da Bahia foi fundado em 1959, e tem como objetivo estabelecer relações culturais, no sentido mais amplo, entre o Brasil e os países da África e Ásia, e de preparar especialistas, em vários campos do saber e da ação, em relação àquelas áreas culturais, econômicas e políticas. Dentro das programações deste Centro de Estudos, encontramos a publicação de alguns opúsculos, entre os quais destacam-se: "Usos e Costumes Angolanos", de Oscar Ribas (1964); "Carta da Organização da Unidade Africana" e "Carta Universal dos Direitos dos Homens" (1964); "A Civilização Árabe", de A. S. Ayad (1965). E de 1966 o livro de Pierre Verger, anteriormente publicado na *Revue d'Etudes Africaines*, n.º 15, com o título original "Rôle joué par le tabac de Bahia dans le traite des esclaves au Golfe du Benim". Seu Autor é "Chagé de Recherches" do CNRS de Paris, assim como "Reserch Associated" do African Institut of Studies da Universidade de Ibadan, Nigéria. Entre suas publicações, salientam-se "Dieux d'Afrique" (1954); "Notes sur le culte des Orisha et Vodou, à Bahia de Todos os Santos au Brésil et la Côte des Esclaves en Afrique" (IFAN, 1957); "Le Fort de St. Jean-Baptiste d'Ajuda" (Memoire n.º 1 do IRAD, Porto Novo).

Para o presente trabalho, Pierre Verger fez consultas nos Arquivos Públicos e Bibliotecas das cidades de Salvador, Rio de Janeiro, Lisboa, Paris, Londres e Nigéria.

Partindo do esquema cronológico sugerido por Luís Viana Filho em seu livro "O Negro na Bahia" (1946), o Autor divide o tráfico de escravos na Bahia em 4 períodos:

- 1.º) O ciclo da Guiné, durante a segunda metade do século XVI.
- 2.º) O ciclo de Angola, e do Congo, no século XVII.
- 3.º) O ciclo da Costa da Mina, durante os três primeiros quartos do século XVIII.
- 4.º) O ciclo da Baía de Benim, entre 1770 e 1850 (achando-se aí incluído o período do tráfico clandestino).